

A LEITURA DURANTE A HORA-ATIVIDADE COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO CONTÍNUA DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA¹

Aparecido Derney²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar se a hora-atividade do professor de língua portuguesa tem se constituído em um período de aperfeiçoamento profissional, tendo a leitura como instrumento de formação e aprimoramento do trabalho pedagógico. Para alcançar o objetivo proposto desenvolvemos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, fundamentada em Yin (2005). A análise dos dados demonstrou que os professores leram livros, revistas, jornais e sítios virtuais para diversificar as práticas pedagógicas, em alguns momentos, o ato de ler também possibilitou a reflexão e transformação das práticas pedagógicas.

Palavras-chave: leitura, formação de professores, trabalho docente.

Introdução

A presente pesquisa investigou se a hora-atividade do professor de Língua Portuguesa tem se constituído em um período de aperfeiçoamento profissional, tendo a leitura como instrumento de formação e aprimoramento do trabalho docente.

Para atingirmos o objetivo proposto, desenvolvemos um estudo de caso na Rede Municipal de Educação de Sinop (MT), uma vez que as escolas deste município, a exemplo das demais escolas públicas brasileiras, vêm recebendo, nos últimos anos, o acervo do PNBE e investindo na melhoria das bibliotecas escolares. Além disso, o município garantiu ao professor o direito à hora-atividade em 1/3 da jornada de trabalho, por meio da Lei Complementar 062/11 de 31 de maio de 2011.

Entre os 977 (novecentos e setenta e sete) professores, que atuaram no município em 2013, realizamos o estudo de caso junto a 8 dos 12 professores de língua portuguesa,

¹ Este trabalho é um relato parcial de pesquisa (dissertação de mestrado) defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação/ICHS/CUR/UFMT, sob orientação da Prof^a Doutora Sílvia de Fátima Pilegi Rodrigues.

² Professor da Rede Municipal de Sinop. Mestre em Educação – PPGEdU/CUR/UFMT. E-mail: aparecidoderney@bol.com.br.

que lecionavam nos anos finais (6º ao 9º) do ensino fundamental. A escolha desses profissionais se deu porque, mesmo que de todo professor ensine leitura, cabe, principalmente, a professor de língua materna promover ações pedagógicas que levem os educandos a tornarem-se leitores e escritores.

O caminho metodológico escolhido para o presente trabalho foi um estudo de caso (YIN, 2005). A coleta de dados se deu, inicialmente, por meio do registro de leitura dos professores, durante dez quinzenas consecutivas, que correspondeu ao primeiro semestre letivo de cada unidade escolar. No final de outubro, entrevistamos quatro professoras de escolas diferentes, sendo duas que declaram destinar uma maior quantidade de horas semanais à prática de leitura (Angelim e Jacarandá) e duas que declaram destinar uma menor quantidade de horas (Castanheira e Mogno).

O perfil dos professores

Todos os 8 professores pesquisados eram efetivos na Rede Municipal de Sinop e possuíam significativa experiência profissional.

Quadro 1. Demonstrativo do tempo de serviço dos sujeitos no magistério

TEMPO DE SERVIÇO NO MAGISTÉRIO	3 a 5 anos	6 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	21 a 25 anos	Acima de 25 anos	Total
NÚMEROS DE PROFESSORES	-	01	02	03	01	01	08

Fonte: Dados da pesquisa (questionário)

Predominou entre os sujeitos pesquisados as mulheres, casadas ou divorciadas, com aproximadamente quarenta anos que possuem em média dois filhos. Como exceção, há um único sujeito do sexo masculino, também casado e com um filho e uma professora com menos de trinta anos, divorciada e sem filhos.

Quanto à formação, no ensino médio, seis professores cursaram magistério, um cursou o Propedêutico e outro Técnico em Contabilidade. Posteriormente, os oito professores frequentaram Instituições de Ensino Superior em cursos noturnos, nos quais se graduaram em Letras – licenciatura plena, predominantemente na UNEMAT/Campus Universitário de Sinop, que ofereceu curso de graduação a 6 do total de 8 professores. Já no exercício da docência, eles tornaram-se especialistas, principalmente em literatura infante-juvenil.

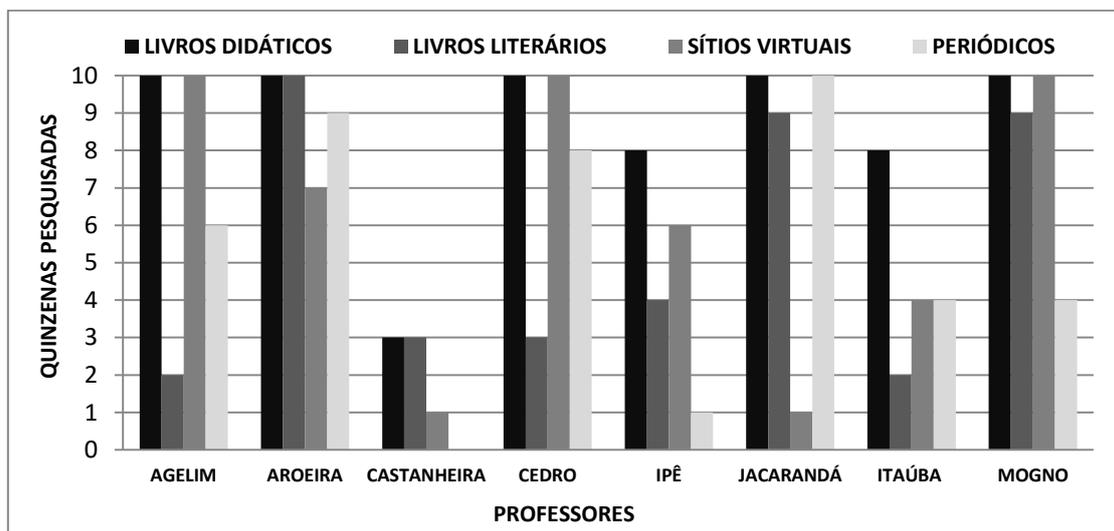
Todos os 4 professores entrevistados relataram que durante a infância, quase não tiveram acesso a livros, e pouco foram estimulados a lê-los. A experiência com a leitura durante esse período limitou-se a ouvir textos orais, narrados por pais e avós. Na adolescência, a maior parte das práticas de leitura foi restrita aos textos escolares. Somente, no ensino médio e na formação acadêmica que esses professores conheceram os livros e textos escritos que hoje são trabalhados por eles.

Por isso, a leitura durante o exercício profissional é primordial ao trabalho docente, como poderemos observar nas leituras e nos relatos dos professores, apresentados a seguir, é no cotidiano escolar, que esses profissionais buscam desenvolver o domínio sobre os textos e gêneros textuais que ensinam, pois acreditam que apesar da profissão ser árdua e da jornada de trabalho nem sempre possibilitar a leitura, todo professor de línguas deve ser um leitor experiente.

A leitura dos professores

Diante da abundância dos textos escritos e da necessidade de leitura dos professores pesquisados³ para desenvolver o trabalho pedagógico, demonstramos a frequência de leitura durante a hora-atividade.

Gráfico 1 - Número de quinzenas em que os professores leram durante a hora-atividade



Fonte: Dados da pesquisa obtidos por meio do registro de leitura dos professores

³ Como forma de preservar a identidade dos sujeitos pesquisados, manteremos o nome deles em sigilo, quando for necessário, referir-se a eles individualmente, utilizaremos como pseudônimos nomes de árvores amazônicas, típicas na região de Sinop-MT.

Como podemos observar no gráfico anterior, prevaleceu entre os professores a leitura do livro didático do aluno, às vezes acompanhada da leitura de dicionários e gramática. Diante da necessidade de ler para atender o planejamento escolar, e da falta de tempo para ler os professores adotaram um ou dois livros didáticos por disciplina, que foram lidos em praticamente todas as quinzenas.

Além do livro didático os professores priorizaram a leitura de materiais escritos que pudessem, posteriormente, ser trabalhados com os alunos. Desse modo a principal finalidade de suas leituras foi selecionar livros, textos, ou fragmentos de textos para posteriormente serem trabalhadas em sala. Conforme declararam os professores:

Primeiro eu vou pelo que eu vou trabalhar em sala de aula, primeiro pelo meu planejamento. Eu tenho que observar o que eu vou trabalhar no meu planejamento, qual o conteúdo que vou trabalhar, e ver que tem de essencial para eu ler. Por exemplo, vou trabalhar gênero poesia, então vou buscar, vou levar o gênero poesia, qual a importância da poesia, como vou trabalhar isso com o aluno e quais são as poesias que eu posso trabalhar naquela faixa etária. Então daí eu vou pesquisar, vou ter que ler pra planejar, saber qual é o conteúdo naquele momento, porque eu tenho tão pouco tempo para planejar que eu tenho que planejar e ler tudo ao mesmo tempo. Tenho que saber qual é o texto, gênero poesia, crônica, dentro da faixa etária que eu vou trabalhar, aí eu trago para leitura (MOGNO, entrevista 02/10/13).

Além de ser o mais lido, o livro didático também direcionou a maior parte das leituras realizadas pelos professores, uma vez que, ele foi o ponto de partida do planejamento e conseqüentemente da prática de leitura durante a hora-atividade. Assim, o principal objetivo dessas leituras, foi complementar as informações trazidas pelo livro didático. É como colocar condimentos em uma feijoada enlatada.

A gente não pode se prender somente a ele. A gente tem uma gama de livros, tem muitas outras coisas que você pode partir do didático pra eles. Você tem que partir do didático para os outros. O didático está te apresentando aquilo, lá vem pronto e enlatado pra você aquilo ali. Aí você pode como em uma comida, não tem a feijoada que vem pronto enlatada? Mas eu posso colocar tomate colocar cebola, posso colocar pimenta do reino, cominho, e outros ingredientes. Eu vejo assim o didático é o básico. Dali o professor tem que correr atrás de outras coisas pra dar volume, pra engrossar aquilo que ele tem ali... Agora claro é cômodo, se você não tem vontade de pesquisar nada, você vai morrer ali mesmo, entendeu? (JACARANDÁ, entrevista 27/09/13).

O tempo destinado ao planejamento durante a jornada de trabalho foi insuficiente, para não entrar em sala sem as aulas preparadas, os professores transformaram o livro didático na principal ferramenta de trabalho, pois seu uso é prático e agiliza o trabalho docente, é como a feijoada enlata citada por Jacarandá, o uso dele possibilita ao professor atender um grande número de alunos, com um período de planejamento reduzido.

Porém, a exemplo do que acontece com a feijoada enlatada, quem opta pela comodidade renuncia qualidade, assim ocorre com o livro didático, quando o professor opta por seu uso, as aulas tendem a ficar mais pobres e repetitivas, cabe então ao professor, colocar os condimentos, ou seja, transformar e recriar o fazer pedagógico, superando o que é apresentado nele. Diante desse contexto, a prática de leitura diversificada se torna a matéria-prima para transformação da prática docente.

Por isso, os professores não restringiram suas leituras somente ao livro didático, conforme demonstramos no gráfico 1, eles também buscaram, diante das possibilidades a eles oferecidas, outros materiais escritos que pudessem colaborar para o enriquecimento e diversificação das práticas pedagógicas e para formação profissional. Entre eles as obras de literatura, principalmente os livros de literatura infanto-juvenil, clássicos da literatura brasileira e textos condensados de clássicos da literatura universal, que, normalmente foram lidos nos minutos finais da hora-atividade.

(...) porque eu gosto de ler. Os autores que eu citei é porque eu gosto de ler mesmo, e outros foram porque foi necessário, porque eu precisava e tive que buscar, alguns fragmentos, alguns textos, às vezes eu peguei fragmentos, pedaços, então não deu pra ler todo livro em alguns casos, algumas partes que achei essencial pra minha aula ou para aquilo que eu precisava. Foi bem dividido (MOGNO, entrevista 02/10/13).

Segundo os professores, a leitura literária foi realizada, principalmente, porque eles gostavam de literatura, e encontraram nela uma forma de descansar a mente durante o trabalho, ou porque a leitura desse gênero foi necessária para ser trabalhada com o aluno, normalmente com o objetivo de complementar os fragmentos de textos literários trazidos pelo livro didático, ou ainda, para selecionar textos literários ou fragmentos deles, para diversificar o trabalho pedagógico.

A facilidade em acessar a *internet* no ambiente escolar, possibilitou que a maioria dos professores lesse hipertextos acessados em portais do professor de editoras ou do MEC, e sites com conteúdo literário, além de blogs de outros profissionais da educação. O principal objetivo da leitura em ambiente virtual foi informar-se, compartilhar opiniões com outros profissionais da área, acessar sugestões de planos de aula e baixar material de apoio.

Segundo os professores, os endereços virtuais mais acessados são ambientes que disponibilizavam atividades aos alunos, desta forma os hipertextos foram lidos, principalmente, para selecionar na *web* exercícios de gramática e fragmento de textos como poemas, contos, crônicas, canções e mensagens, que foram posteriormente, levados aos alunos para suprir ou completar as atividades trazidas pelo livro didático, conforme relata Angelim.

(...) é fundamental para a pesquisa. Eu não costumo me ater somente ao livro didático, acho que falta algo a mais. Então eu gosto de trazer atividades diferenciadas para complementar o livro didático que a gente segue. Então os notebooks auxiliam muito para a pesquisa, você busca na internet complementos para se trabalhar em sala de aula. Pode ser impresso. Ou você achar alguma coisa para os próprios alunos pesquisarem em casa, no laboratório de informática ou notebooks na sala de aula (ANGELIM, entrevista 01/10/13).

Os registros de leitura também demonstraram que durante as 10 quinzenas pesquisadas, cinco professores também leram revistas contendo histórias em quadrinho com o objetivo de selecionar textos ou fragmentos deles para posteriormente serem trabalhado com os alunos. No mesmo período, somente a professora Angelim leu revistas com conteúdo jornalístico e informativo.

Entre os periódicos enviados às escolas por meio do PNBE, foram lidas as revistas Nova Escola, Língua Portuguesa e Carta Fundamental, mas somente Jacarandá as leu com frequência. A leitura desses periódicos foi realizada com o objetivo de basear-se nas experiências de outros professores, conforme destaca a professora.

... nas revistas eu vou buscar materiais de professores... algum artigo que publicou e me interessou, sobre o projeto que ele trabalhou, como ele fez em sala de aula... quantos professores tem artigos nessas revistas que eu posso pegar e trabalhar em sala de aula, porque não? (MOGNO, entrevista 02/10/13).

Prevaleceu, entre os periódicos, a leitura de revistas, cujo principal enfoque era a vida dos famosos, moda e decoração. Segundo Mogno e Jacarandá essas revistas não são importantes para o trabalho do professor, do ponto de vista da formação profissional, mas possibilitam a ele relaxar durante a exaustiva jornada de trabalho.

Às vezes eu vou ali só pra relaxar um pouco, aquele momento meu, ali de quinze vinte minutos que eu tenho, então vou ler. Vou ver uma coisa diferente é artista, notícias. Acho que você não pode ficar fora do mundo, nem tudo é sala de aula, se não você se sufoca, é momento só de lazer. Sobrou um tempo tem uma revista na mesa, aí eu vou folhear... Mas não é importante (MOGNO, entrevista 02/10/13).

Apesar de declarar que leitura de revistas de entretenimento não é importante, para o professor, Mogno afirma que nem tudo é sala de aula, demonstrando que a leitura de revistas possibilita ao professor perceber e entender assuntos cotidianos como moda, televisão, política entre outros, que não estão relacionados diretamente com que é trabalhado em sala, mas permeiam as práticas escolares.

As professoras Aroeira, Castanheira e Jacarandá, também leram livros religiosos e de autoajuda como terapia e relaxamento, sendo que, em algumas situações, esses materiais ou fragmento deles, também, foram levados para a sala de aula, a fim de serem trabalhados com os alunos no início ou final da aula com o mesmo propósito.

Os livros de Ciências da Educação, enviados às escolas municipais pelo MEC através do PNBE do professor foram lidos somente pela professora Jacarandá, segundo ela a chegada desses livros nas escolas é recente, e possibilitou que ela encontrasse um “universo perdido”, uma vez que eles lhe oportunizaram rever conhecimentos que fizeram parte de sua formação, mas que ficaram esquecidos e alheios ao seu trabalho. A professora percebeu que a chegada desse material à escola possibilitou ao professor ler e compartilhar conhecimentos científicos e acadêmicos com outros educadores, aproximando-se deles culturalmente.

Fora da jornada de trabalho, os professores declaram que quase não leram, além do que eles declararam nos registros de leitura, pois mesmos quando estavam fora da escola e da jornada de trabalho, continuavam lendo os mesmos materiais escritos do ambiente escolar. Este fato corrobora com os estudos de Batista (1998) que define os professores como “leitores escolares”, que direcionam suas práticas de leitura às necessidades do trabalho pedagógico, mesmo quando estão fora da escola.

A leitura na formação de professores

Na tentativa de compreender como a leitura realizada pelos professores, durante a hora-atividade contribuiu para formação docente, tendo a leitura como instrumento de formação e aprimoramento do trabalho pedagógico, apresentamos o relato dos professores língua portuguesa a respeito de suas práticas de leitura.

A professora Castanheira, que apresentou o menor volume de leitura entre os sujeitos pesquisados, considera que, mesmo que tenha lido pouco durante a hora-atividade, as leituras foram importantes para ela e contribuíram para obtenção de informações e conhecimentos que foram repassados aos alunos.

Contribuíram mais para informação e conhecimento porque... Eu tive que ler pra me inserir naquele texto e naquele contexto pra eu desenvolver as atividades, porque se eu não leio e não tenho conhecimento, e como eu vou passar aquilo para o aluno... Se bem que não foram tantos e que eu poderia ter lido mais, eu sei que eu li bem pouco (CASTANHEIRA, entrevista em 27/09/13).

Entre os materiais escritos, lidos durante a hora-atividade, a professora Castanheira considerou que os livros de autoajuda foram os mais importantes para sua formação; para ela, esses livros a ajudaram a compreender melhor os valores do meio, onde ela e os alunos estão inseridos.

Para a professora Mogno, todas as leituras realizadas durante a hora-atividade foram importantes para a formação contínua dela, até mesmo as revistas de novela. Segundo a professora, todas as leituras realizadas, durante aquele período, ampliaram seu conhecimento, deixando-a mais preparada para exercer sua profissão.

(...) Pra mim tudo é muito importante. Tudo que eu faço é realmente importante até revista de novela é importante pra mim, porque também é um conhecimento. Então tudo, tudo que eu li foi muito importante. Teve muita coisa que eu não sabia e aprendi, porque busquei, precisei buscar, eu gostei de saber. Aí eu busco mais informação, alguns escritores que eu não conhecia e comecei a gostar... Ajuda muito e deixa o professor bem preparado, eu acho. Claro que são coisas que você só busca por causa do aluno, mas você aprende junto com ele... Foi muito importante, muito mesmo para minha bagagem e conhecimento... (MOGNO, entrevista 02/10/13).

As leituras realizadas, durante a hora-atividade deixou a professora Mogno mais informada e ampliaram seus conhecimentos, principalmente sobre temas cotidianos e escolares, possibilitando a ela melhor compreender o meio onde ela e seus alunos estão inseridos, podendo através desta compreensão ponderar seus conceitos e teorias, para melhor exercer sua prática profissional.

Para a professora Angelim, as leituras realizadas durante o período pesquisado, também, contribuíram para a sua formação contínua, pois, por meio delas, foi possível fazer novas descobertas e deixar a aula mais interessante.

Foram extremamente importantes, porque toda leitura traz um benefício, através da leitura você descobre coisas novas, às vezes você está procurando uma coisa e acaba descobrindo outra. Então da leitura, nada que se lê se perde, a leitura vem só acrescentar pra minha formação. Leitura é importante, para todo professor a leitura é importante. Você não pode focar apenas como livro didático, porque você tem ele, você tem que também procurar coisas novas para repassar para o seu aluno, e tornar a aula interessante, ou mais interessante. Eu acredito que é através da leitura que a gente consegue descobrir o que cabe em uma aula e o que não cabe em uma aula (ANGELIM, entrevista 01/10/13).

Conforme Angelim, a prática de leitura durante a hora-atividade não impõe limites nem barreiras ao professor, mesmo quando ele inicia esta prática tendo como objetivo apenas encontrar atividades diversas, textos e fragmentos de textos que possam ser reproduzidos na sala de aula, o professor se depara, no ambiente escolar, com uma infinidade de escritos, que além de deixar as aulas mais atrativas e dinâmicas, possibilitam que ele compreenda melhor aspectos teóricos e práticos do processo de ensino-aprendizagem.

A professora Jacarandá se destacou pelo maior volume de leitura entre os participantes da pesquisa e ultrapassou as práticas de leitura apresentadas no gráfico 1, durante a hora-atividade além de livros, hipertextos, jornais e revistas, ela também leu livros do acervo do acervo do PNBE do professor.

Diante dessas leituras, Jacarandá afirma que tudo o que leu durante a hora-atividade foi importante para o trabalho dela, pois diversificaram as práticas pedagógicas e possibilitaram a ela melhor compreender o trabalho pedagógico, porém ela afirma que os livros do acervo do PNBE do professor contribuíram mais

efetivamente para sua formação, pois possibilitaram que ela ampliasse o conhecimento científico sobre o ensino da leitura.

Agora, também até então na década de oitenta nas universidades não tinha essa separação do pedagogo para o professor de letras, então eu quando fiz faculdade, não foi visto dessa maneira a minha sorte é que eu leio, não estagnei, não fiquei parada lá na década de oitenta e noventa, não fiquei, mas sei de muita gente que ficou lá parado no tempo... (JACARANDÁ, entrevista 27/09/13).

O acesso às informações que ainda não havia sido conhecida pela professora em outras etapas de sua formação, fez com que ela questionasse sua prática pedagógica e sentisse o desejo de mudá-la conforme as ideias trazidas nos livros que leu. Porém, as mudanças não se deram de forma simples e passiva.

[...] tinha turma que não dava certo, mas teve coisa que deu certo, e tinha turma que deu certo da maneira que eu fiz, da maneira que eu pensei, entendeu é por isso que eu creio que o professor tem que estar buscando e lendo, correndo atrás porque as vezes aquilo que você está correndo atrás você encontra nas ideias de outro, e a partir da ideia daquele outro você chega a ideia sua, chega no final da história você vai afinando, e chega você mesmo a criar e a ter a sua visão, então pra mim valeu apena demais, eu quero que apareça mais pra eu continuar lendo, foi muito bom, pelo menos no que eu trabalhei... (JACARANDÁ, entrevista 27/09/13).

As ideias encontradas nos livros que leu e introduzidas por Jacarandás em suas práticas pedagógicas nem sempre resultou numa melhor forma de trabalhar com o aluno, conforme relatou a professora, mas fizeram com que ela desenvolvesse a criticidade, colocando lado a lado o conhecimento teórico apresentado nas obras lidas, e o prático que ela possuía. O afinamento desses conhecimentos possibilitou à professora avaliar e reconstruir seus conhecimentos profissionais, incluindo-os em sua prática profissional.

O professor bem formado é aquele que se sente suficientemente seguro para buscar as fontes de conhecimento em razão dos problemas encontrados em sua prática, ou seja, em decorrências das necessidades diagnosticadas com seus alunos. A tão propalada proposta de ação de um professor-reflexivo parte sempre de sua prática, mas é preciso que ele tenha condições de buscar teoria... (ANDRADE, 2007, p. 11).

Podemos constatar que os problemas encontrados em sala e a necessidade de superá-los fizeram com que a professora Jacarandás fizesse da leitura uma ferramenta de formação profissional, utilizada para melhor compreender o aluno e o trabalho pedagógico. A partir da teoria lida, a professora refletiu e renunciou a posição de professora passiva, que apenas repete as aulas apresentadas nos livros didáticos e material de apoio ao professor, para assumir a posição de sujeito de sua prática profissional, capaz de observar e extrair o que há de melhor em cada texto lido, que posteriormente é avaliado e recriado em busca de uma prática pedagógica mais eficiente.

Portanto, constatamos que durante a hora-atividade os professores de língua portuguesa leram livros, revistas, jornais e sítios virtuais com a finalidade de selecionar textos, ou fragmentos de textos para posteriormente trabalharem em sala, tais práticas de leitura, além de oferecer ao professor momentos de terapia, relaxamento, informação e entretenimento durante a jornada de trabalho, possibilitou a diversificação das aulas e desenvolvimento das práticas pedagógicas. Podemos constatar também, que os professores não restringiram suas leituras somente ao material didático, em alguns momentos, o ato de ler tornou-se uma ferramenta de reflexão e transformação das práticas pedagógicas, contribuindo mais efetivamente para a formação contínua dos professores.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos compreender e não apenas julgar as práticas de leitura dos professores, que diversas vezes foi retratado como leitor menor segundo Batista (1998), leitor interdito segundo Britto (1998) ou, ainda, leitor manco e pseudoleitor segundo Silva (2009); além outras perspectivas que desqualificam as práticas de leitura desses profissionais e, na maioria das vezes, desqualificam também todo trabalho docente.

Porém, não podemos permitir que a prática de leitura dos professores se consolide como está, sob pena de comprometer o trabalho docente e desvalorizar ainda mais a profissão. Necessitamos, portanto, buscar meios para que a leitura dos professores se dê cada vez mais frequente, disponibilizando a eles materiais escritos e espaços de leitura no ambiente escolar, além de um período destinado para prática de

leitura em meio à jornada de trabalho, pois acreditamos que o professor deve ser um leitor em construção.

As práticas de leitura apresentadas pelos professores pesquisados parecem pequenas diante da amplitude de conhecimentos que podem ser acessados por meio da escrita, inclusive no meio escolar, e das possibilidades de ampliação, transformação e construção de conhecimento que o ato de ler pode oferecer, mas precisamos considerar que todos os professores entrevistados afirmaram que os materiais lidos por eles durante a hora-atividade contribuíram para sua formação profissional.

Sabendo que a leitura é um privilégio social (FOUCAMBERT, 1994) e que, durante a pesquisa, todos os professores demonstraram possuir carência de leitura, até mesmo dos gêneros mais utilizados na escola, como é o caso dos livros de literatura infanto-juvenil, a perspectiva de formação desses profissionais não pode ser ignorada, uma vez que, segundo Kleiman (2001), o letramento dos professores deve ser analisado na perspectiva do trabalho docente. Nesse contexto, as práticas de leitura realizadas durante a hora-atividade instrumentalizaram os professores, mesmos que de forma restrita, para o exercício profissional, pois foi a partir delas que eles desenvolveram e diversificaram suas práticas pedagógicas, entre elas, a mediação de leitura.

A professora Jacarandá, apesar de ser uma exceção entre os demais sujeitos pesquisados, demonstrou que a prática de leitura dos professores pode ultrapassar os gêneros escolares e possibilitar a ampliação do conhecimento acadêmico, provocando os professores a refletirem e transformarem seus fazeres profissionais.

Concluimos, portanto, que a hora-atividade se constituiu, mesmo que de forma restrita, num período de aperfeiçoamento profissional tendo a leitura como instrumento de formação profissional e aprimoramento do trabalho pedagógico, uma vez que os materiais lidos pelos professores de língua portuguesa durante esse período instrumentalizaram esses profissionais para que eles desenvolvessem suas práticas pedagógicas, abrindo, em alguns momentos, possibilidades para eles diversificarem ou mesmo ultrapassarem as atividades trazidas pelos livros didáticos.

Contudo, ainda é necessário que o período destinado à leitura durante o exercício profissional do professores seja ampliado para que essa prática não fique, na maioria das vezes, restrita aos materiais didáticos ou escolares, uma vez que não basta instrumentalizar o professor para o fazer pedagógico, é necessário também oferecer a

ele o direito de ler, durante a jornada de trabalho, materiais escritos que oportunizem maior desenvolvimento intelectual, possibilitando-lhe pensar e transformar sua prática profissional, que poderá resultar em um trabalho educacional mais rico e eficiente.

Referências

ANDRADE, Ludimila Thomé de. *Os professores leitores e sua formação: transformações discursivas de conhecimentos e de saberes*. 1ª ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

BATISTA, Antonio A. G. Os professores são “não-leitores”? In: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas da (Orgs.). *Leituras do professor*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998. p. 23-60. (Coleção Leituras no Brasil).

BRITTO, Luiz P. B. Leitor interdito. In: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas da (Orgs.). *Leituras do professor*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998, p. 61-78. (Coleção Leituras no Brasil).

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1994.

KLEIMAN, Angela B. Formação do professor: retrospectiva e perspectiva na pesquisa. In: _____ (Org.). *A formação do professor: perspectiva da linguística aplicada*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. p. 13-38.

SILVA, Ezequiel Theodoro. O professor leitor. In: SANTOS, F.; NETO, J.; RÖSING, T. (Orgs.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009. p. 23-36.

SINOP, Prefeitura Municipal. *Lei Complementar nº 062/ 2011*, de 31 de maio de 2011. Dispõe sobre a carreira dos Profissionais da Educação Pública Básica do Município de Sinop. Sinop 2011 Disponível em:

<http://sic.tce.mt.gov.br/home/index/id_entidade/41>. Acesso em: 29 jan. 2014.

YIN, Robert Km. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

THE READING DURING THE TIME-ACTIVITY AS AN INSTRUMENT FOR CONTINUOUS TRAINING OF TEACHERS OF THE PORTUGUESE

ABSTRACT

This study has as objective to investigate whether the time-activity of the Portuguese language teacher has made in a professional training period and reading as an instrument of formation and improvement of pedagogical work. To achieve the proposed objective develop a qualitative research of the type case study, based on Yin (2005). The data analysis showed that the teachers have read books, magazines, newspapers and virtual sites to diversify the pedagogical practices, in some moments, the act of reading also enabled to reflection and transformation of the pedagogical practices.

Keywords: reading, teacher training, teaching.

Recebido em 03/03/2016.

Aprovado em 15/03/2016.